25/10/2019

# Formar para ação

## (Parte final)

Gideon Borges dos Santos

[Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana. Pesquisador do Cesteh/ENSP/Fiocruz]

A formação humana comporta um movimento simultâneo de transformação das condições adversas do trabalho, em último grau da sociedade e, ao mesmo tempo, de conservação desse ideário. É, portanto, tarefa da formação assegurar às novas gerações a responsabilidade não somente pela sua própria existência, mas pela permanência de um mundo comum, que somente pode existir se sobreviver ao ir e vir das gerações. Nessa concepção, certamente é possível que haja interesses convergentes, isto é, podemos agir junto com aqueles que têm interesses semelhantes aos nossos para somar forças. Entretanto, não pode haver projetos comuns a todos, porque não há nada com o qual todos possam concordar. Sustentar que há algum valor essencialmente comum é necessariamente omitir ou oprimir os valores daqueles que pensam diferente*. Ao estabelecer o compromisso das gerações com o mundo comum, Hannah Arendt estava se referindo à formação dos mais jovens e ao contexto escolar. No caso da educação de adultos, como é o caso da formação de trabalhadores, nem sempre esta relação ocorre entre gerações distintas e em um espaço formal de educação. Além disso, o trabalhador, como insistentemente é ressaltado pelas teorias educacionais tem uma vasta experiência que serve, inclusive, de conteúdo para toda prática de formação. Contudo, como já dissemos, agir significa tanto começar algo novo quanto levar a cabo um empreendimento e, nesse contexto, não importa se a questão é geracional e sim que o projeto comum - a saúde dos trabalhadores - seja objeto de interesses dos indivíduos e da sociedade. Ao anunciar que a hora de os filósofos transformarem o mundo havia chegado, Marx não estava com isso pretendendo isentar o cidadão da responsabilidade de pensar a sociedade, mas determinar o engajamento da teoria e de seu autor com as questões que interessam à sociedade. Da mesma maneira, a formação nesse paradigma é engajada e construída com certo envolvimento com a questão dos trabalhadores, o que significa dizer que é papel da teoria oferecer elementos de lucidez para melhor compreensão da realidade. Outro ingrediente trazido por Hannah Arendt consiste no fato de que as novas gerações agem sobre o mundo ao seu próprio modo. Contudo, transformá-lo sem levar em conta o que o mundo é significa destruí-lo. E desse ponto de vista, movimento de transformação e conservação caminham juntos com as novas gerações. E do ponto de vista da Saúde do Trabalhador, a formação humana funciona como operadora para transformar a sociedade e conservar o ideário do campo. O que se observa é que formar para ação não está assentado apenas nos profissionais da área com vistas à atenção à Saúde do Trabalhador. Também não se reduz à formação de trabalhadores para melhor compreender o seu trabalho, perigos e agravos à sua saúde. Trata-se também de expandir a formação do ponto de vista ético, pois, formação não é acúmulo de informações e sim deslocamento, no sentido de o indivíduo se transformar em um ser diferente do que é. Formar para ação é portanto a própria formação humana. Somados ao projeto de democracia, a continuidade do mundo e o engajamento com as questões sociais de interesse do trabalhador, o que se observa é que nenhuma formação assentada sob bases cognitivas é capaz de realizar esse feito. Faz-se necessário um maior investimento teórico e prático em um tipo de formação que é também afetivo, pois o modo de ser da sociedade e dos individuais são constituídos por circuitos de afetos. É necessário ainda se interrogar que modos de ser interessa à democracia e que tipo de sociedade cabe nesse projeto. Formar sujeitos com afeições democráticas, afeitos a dar continuidade esse projeto e engajados com as questões dos trabalhadores é o mesmo que forjar o próprio cidadão. Que modo de ser interessa à Saúde do Trabalhador?

Para a questão não existe resposta simples, contudo, pode-se extrair daqui algumas pistas que sirvam de horizonte para se pensar a formação em Saúde do Trabalhador de um lugar que não seja tão comprometido com a tradição escolar que tanta influência exerce sobre as teorias que procuraram com relativo sucesso elucidar o tema.

Ao terminar esta série, afinal, estamos na parte final, o que dizer sobre formar para ação? Primeiro, reconhecer. Segundo, ajoelhar. Terceiro, começar de novo.

Primeiro, reconhecer. Reconhecer que formar, para quem forma, é ser reformado, e para quem é formado, é ser deformado ... para melhor. Desde que ache, após a formação, que as coisas precisavam ser mesmo mudadas... deformado para melhor, portanto.

Segundo, ajoelhar. Ajoelhar, para exercer o exercício da humildade de formar. A arrogância e a prepotência também formam, mas não para o propósito desta série de formar para ação em Saúde do Trabalhador.

Formam para a opressão, a dominação e a humilhação.

Não nos servem, portanto.

Terceiro, começar de novo. Começar de novo. Formar é começar de novo. Todo o tempo é o tempo de começar de novo. Não há formação sem começar de novo. Sem começar de novo não há mundo novo. Sem mundo novo, a educação perde o sentido. ■■■

Citação

■ Almeida VS. Educação e liberdade em Hannah Arendt. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.34, n.3, p. 465-479, set./dez. 2008, p. 476.

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores*